



CENTELHA

Portfólio de Escrita Criativa

Cassiano Zanon

Introdução

Centelha.

Partícula luminosa que cria uma chama. Chama esta que revela e ilumina um caminho que antes estava escuro. É como vejo este projeto.

Textos e ideias que eu nunca conceberia por conta própria, surgiram, graças à disciplina de Escrita Criativa, como uma centelha, para inspirar outros contos e roteiros que eu venha a desenvolver, e para clarear minha visão sobre meu futuro profissional.

Da sarjeta

Eu moro dentro de um rato.

Não lembro como vim parar aqui. O cheiro nauseante do esgoto penetra cada dia mais, por entre meus pelos.

Os gritos de horror de quem um dia já me amou ecoam em meus ouvidos.

Tudo o que eu queria era poder voltar.

Deadline

Inspirado no quadro Stairway at 48 rue de Lille, Paris de Edward Hopper.



O barulho das crianças gritando em casa tira minha concentração, e tenho que enviar o texto para o jornal pela manhã. Preciso me isolar para conseguir inspiração. Ansiedade só aumenta a cada minuto que passo em frente ao papel em branco. Há um hotel aqui perto, talvez lá consiga paz e tranquilidade.

Pego meu material e meu casaco. Já na porta, aviso que estou saindo.

Há vagas, ótimo.

Pego um quarto no ultimo andar para evitar filhos da mãe barulhentos em cima de mim. Subo as escadas, e destranco a porta. O pequeno corredor está silencioso. Respiro aliviado. Fecho a porta. Ligo o pequeno abajur na mesa. Sento em frente ao papel.

Novamente, nada.

Nada de barulho, e nada de ideias.

O sono começa a bater à porta, insistente, como um velho amigo convidando para uma rodada de cerveja. Cerveja, álcool. Talvez seja disso que eu precise para conseguir criar. E café, para acordar. Peço ambos, e logo o serviço de quarto os coloca à minha frente, ao lado do papel. Bebo.

Meia hora depois, nada. Sono continua, e o álcool não clareou nem um pouco minhas ideias. E

se eu escrever sobre o estado criativo e entorpecido que as drogas prometem dar? Daria um drama e tanto.

Primeira tentativa.

Tem futuro, mas precisa melhorar.

Lixo.

Segunda tentativa.

Parece que meu vocabulário encolheu.

Lixo.

Terceira tentativa.

Horrível.

Lixo de novo.

Duas horas se passaram. Esse assunto não vai pra frente, desisto. Já perdi muito tempo.

Imerso nas palavras, não notei vozes vindas do quarto ao lado. Eram baixas o suficiente para não me atrapalhar, porém agora já estavam consideravelmente mais audíveis, talvez porque eu estava tão entretido desperdiçando papel e tinta em frases inúteis.

Tento não ligar para a discussão, que cada vez fica mais acalorada. A cada pausa na briga, me concentro no que escrever, porém assim que os pensamentos começam a se alinhar, são embaralhados novamente por mais uma rodada de xingamentos.

Agora, além de ansioso pelo tempo desperdiçado, estou cada vez mais nervoso, me controlando para não ter um surto de raiva. Recosto-me na cadeira, olhos fechados, buscando paz interior. Respiro fundo.

Viro a cabeça e olho o lixo, com folhas amassadas e amontoadas. Uma palavra é visível por entre as curvas distorcidas de um papel: “drogas”.

Seria disso que eu preciso? Algo para acelerar de uma vez meu raciocínio, furar o bloqueio criativo, e de quebra não me importar com mais nada ao meu redor? A esse ponto, eu diria que sim.

Onde conseguir? Quem sabe na rua, a essa hora algum mal elemento deve estar comercializando itens de qualidade duvidosa, mas que hão de servir.

Desço as escadas e caminho pela rua, mãos no bolso, como quem não quer nada.

Dito e feito.

Um rapaz até que bem vestido está encostado no capô de um carro na entrada de um beco. Eu paro. Cruzamos olhares, e parece que nos entendemos.

Pergunto “Você vende?”, sem saber ao certo o que falar.

Ele balança a cabeça e mostra uma seleção de seus produtos. Escolho o famoso pó branco.

De volta ao quarto, a briga ao lado continua, agora com o homem exaltando-se, e a mulher aparentemente exigindo que ele se acalme. Eu preparo uma carreira ao lado dos papéis, sem saber ao certo o que fazer. Rasgo um pedaço de um papel que estava no lixo para usar como canudo. E, vamos nessa...

Santo deus, isso é forte.

Em menos de dez segundos, sinto minha mandíbula contrair-se, e meus dentes ficam levemente amortecidos. De uma hora para a outra, meu impulso é levantar e dançar pelo quarto ao som da alegre musica que toca dentro de minha própria cabeça.

Não consigo fechar os olhos.

O sono desapareceu, o que é ótimo, agora só falta a melhor parte, viajar, deixar a mente fluir e escrever o que minha imaginação achar que o mundo deve saber.

Não ouço mais nada, todos os meus sentidos estão voltados à dança quase sinestésica que faço no pequeno quarto, enquanto cantarolo uma musica qualquer, que tenho certeza que para qualquer pessoa sóbria seria a maior e mais pura merda.

Em um salto, sento-me na cadeira e olho fixamente, com um sorriso, e com a caneta na mão, para mais um papel em branco. Começo a escrever sobre musica, sobre um rapaz que vivia seu sonho de ser musico, ganhar a vida fazendo outros sentirem o que ele sente ao seu corpo reagir a cada batida, cada nota emitida das potentes caixas de som de uma discoteca, e...

De repente, um estrondo vindo do corredor me faz largar a caneta, em um espasmo muscular. Gritos desesperados se misturam com ameaças proferidas por uma voz grave e amedrontadora. Ouço o som de vidro quebrando. A droga sente-se no total direito de disparar adrenalina por minhas veias.

Mais uma vez não consigo ter sossego... NEM AQUI, longe de tudo e de todos, consigo me isolar. Basta!

Levanto-me e, de punhos serrados, abro a porta com força.

Em minha frente, encostado no parapeito da escada, um homem baixo e careca, porem visivelmente alcoolizado, segura uma mulher, caída no chão e com hematomas no rosto, pelo

colarinho, ameaçando-a com uma garrafa de vinho quebrada.

Meu sangue ferve. A droga ainda tem controle sobre mim, e num impulso de raiva e talvez em um lapso distorcido de justiça, cravo dois passos no chão e empurro o homem por sobre o corrimão da escada.

Atônito, não percebo detalhes, e o tempo parece voar.

Quando volto à mim, aparentemente pouco menos de um minuto depois, a mulher está debruçada no parapeito, gritando e chorando, olhando para baixo. Estou sentado em um dos degraus da escada, com a cabeça apoiada no corrimão, observando fixamente o corpo imóvel do homem, na base da escada, sem esboçar qualquer expressão ou sentimento. Lentamente, movo o olhar por cada degrau da escada, cada curva, e cada tabua de madeira envernizada, como se a estivesse subindo pela centésima vez. Observo, com olhar distante, a mulher, que ainda chora mirando o corpo, e ouço vozes de pessoas correndo para tentar salvar o homem.

Lentamente levanto-me, e em silêncio abro a porta de meu quarto. O ambiente escuro, e a situação que acabo de presenciar, fazem com que

o efeito da droga se esvaia quase que em um piscar de olhos. Agora, estou sentado em frente ao papel, sóbrio, em estado de choque, com medo do que está por vir, rodeado por gritos e vozes, e com um texto para ser entregue em menos de uma hora.

Pelo menos agora tenho um assunto.

Pego a caneta, respiro fundo, e começo a escrever:

“O barulho das crianças, gritando em casa, tira minha concentração...”.

Transmissão

“...tinha sim as coisas ruins, torturas, pessoas desaparecidas, não gosto nem de lembrar, mas eu como Major tinha que fazer o que me mandavam. Hoje só quero esquecer... Mas ei, não importa, tá tudo bem agora”, diz o velho homem de cabelos brancos, pele enrugada e voz trêmula, para seu neto deitado na cama. “Agora durma, o resto eu conto amanhã”. Rindo, pega a boina militar que o garoto usa, que de tão grande cobre seus olhos. “Posso usar ela amanhã de novo?” o jovem de 10 anos pergunta, espreguiçando-se e virando de lado. “Amanhã eu te mostro até meu uniforme, Eric”. O menino sorri e fala boa noite. O avô levanta-se, desliga a televisão, apaga a luz e desaparece no corredor escuro, em direção à seu quarto, no outro lado da casa.

Minutos depois, apenas o rosto do garoto está iluminado pela fraca luz do celular. O som do

vento balançando os galhos das árvores uiva pela fresta da janela.

Um vulto aparece na porta.

Eric treme e grita, deixando cair o aparelho.

Seu vô acende a luz. “Não é porque seus pais não estão em casa que você pode ficar acordado até tarde. Desliga isso e dorme”. Eric, ainda amedrontado, nem estende a mão para pegar o celular. Cobre-se até o pescoço e dorme.

Na sala, ao lado do quarto de Eric, tudo está escuro.

Exceto pela luz do rádio.

A pequena luz vermelha de *stand by* começa a piscar, como se estivesse a beira de queimar. O painel acende. O ruído de estática reverbera quase imperceptível pela sala.

Subitamente ele dá lugar à um estranho som. Como som de passos. Não tão alto, propositalmente tentando ser silencioso. Batidas curtas, intermitentes.

Talvez tenha sido justamente o fato de o som não ser constante que fez Eric despertar.

Em seu quarto, o som é ainda mais baixo, porém o sono leve do garoto o impede de dormir, ainda mais com a inconsistência das batidas, que com o tempo começa a importuná-lo.

Eric tenta ignorar, pensando ser algum animal se esgueirando pelo telhado ou debaixo do assoalho. Vira-se de lado e coloca a coberta sobre o ouvido. As batidas ainda estavam lá. Coloca os fones de ouvido para isolar o som, porém também é em vão.

Eric não descansaria enquanto o ruído não desaparecesse.

Resolvendo relaxar e deixar sua mente naturalmente ignorar as batidas, o garoto percebe que pausas curtas interrompiam as batidas. Um animal não caminharia assim, por minutos a fio, sem parar. Mas de onde estaria vindo, então? Ouvindo atentamente, Eric se dá conta de que mesmo com as batidas instáveis, o tom era sempre o mesmo. Parecia ser sintético.

Há alguém propositalmente fazendo o barulho na casa? Isso foi planejado? Eric começa a se encolher na cama, e tenta pegar seu celular no chão, sua única fonte de possível socorro.

Socorro.

Lembra-se das histórias do avô sobre guerras, como quando os soldados enviavam mensagens codificadas pedindo resgate via rádio.

Código Morse.

O volume do rádio aumenta gradativamente durante a transmissão e logo diminui imperceptivelmente, como que tentando atrair o

ouvinte. O som parece ser inteligente, ter uma consciência própria. Tem objetivos. E está cumprindo-os.

Eric aproxima-se.

Com o celular em mãos, iluminando tremulamente o corredor, o garoto procura a origem do som. Ao perceber que vem da sala, recusa-se a continuar. No celular, procura um tradutor de código morse. Tenta gravar o som.

É muito baixo.

Hesita, mas lentamente se aproxima do rádio com o celular na frente de si. Finalmente o celular detecta o som da primeira sequência.

Com os olhos vidrados na tela, escuridão ao seu redor e parado no meio da sala, Eric aguarda o som ser traduzido.

O pequeno ícone de carregamento gira, enquanto o rádio emite as batidas que fazem o coração de Eric acelerar. A demora parece uma eternidade.

Pronto.

Na tela a tradução: “Vingança”.

Eric congela e sua respiração pára instantaneamente.

Ele olha ao redor, em desespero. Um murmúrio sai de sua boca. Ele volta os olhos lacrimejados para o rádio, que repentinamente desliga-se. A tela

de seu celular falha, e em um reflexo, ele deixa-o cair no chão.

O celular desliga, e o breu da noite toma conta da sala. Eric balbucia, tamanho seu pavor, e tenta voltar para seu quarto.

No corredor há uma luminária na parede. Ela se acende e pisca algumas vezes. Como um farol, a luz intermitente mostra à Eric a porta do quarto, guiando-o. Assim que o garoto passa pela porta, a lâmpada apaga.

No quarto, todas as luzes estão apagadas. Eric procura sua cama e num pulo encolhe-se nela, chorando compulsivamente virado para a parede. Ele balança os ombros como que evitando que alguém toque-o. Tudo está em silêncio. Nem mesmo as árvores fazem barulho quando balançadas pelo vento. Apenas os gemidos e suspiros ofegantes de Eric cortam o ar. A escuridão é total, e lentamente o menino puxa a cobertura com a mão.

Subitamente, a televisão liga.

Eric encolhe-se ainda mais, e em meio às lágrimas, chama pelo avô. A luz fria da televisão ilumina as costas do garoto, que vê sua própria sombra na parede. Não há mais batidas. Apenas o ruído vazio de estática.

Sua sombra desaparece. O som de estática dá lugar a um ruído de microfone. Eric hesita em virar-se.

“Posso te ver, olhe para cá.” Uma grave e distorcida voz chama-o.

Lentamente o garoto vira o rosto para a televisão, segurando a coberta até o nariz. Na tela, Eric vê um homem mascarado, de preto, iluminado apenas por dois monitores de computador, com os cotovelos sobre a mesa. Ao ver esta cena, Eric, tenta afastar-se o máximo possível, sentando-se na cama e apertando, com as pernas, o corpo contra a parede, em uma tentativa desesperada de fuga.

O homem lentamente gira um botão sobre a mesa e as batidas do rádio voltam a ser transmitidas.

Eric treme e chora, olhando fixamente para a televisão por entre as mãos.

Seu avô entra no quarto.

A transmissão termina.

Trauma de guerra

Eu me desesperei. Era uma faca de carne. O que eu deveria pensar naquele momento? Que psicopatas são esses? O que ela possivelmente poderia de fazer de bom vindo em minha direção com uma faca?

Bem, o sol desaparecia naquele fim de tarde quente de verão, e eu, com 12 anos de idade, corria pelo lado da casa, sem saber exatamente para onde estava indo. O suor escorria pelo meu rosto e fazia o óculos escorregar do nariz, não importando quantas vezes eu o arrumasse. Já não enxergava direito para onde estava indo, só sabia que tinha que dar um jeito de me esconder em algum lugar nos fundos. Talvez na garagem, que ficava depois da pequena escada no final do estreito corredor atrás da casa. Quem sabe ele não iria me encontrar embaixo do carro. Era minha melhor chance.

Atrás de mim, o som de tiros ficava cada vez mais alto, intercalado por gritos infantis cada vez mais próximos e risadas, que para mim soavam como puro sarcasmo. Sem mirar, eu apontava minha arma para trás na esperança de que algum tiro cego atingisse ele. Minhas pernas doíam. Porque fui me meter nisso? Não conseguiria me esconder a tempo.

Quando eu estava prestes a virar no corredor, uma mão bruscamente agarrou meu braço, me fazendo quase cair, mas o muro me impediu.

“Te peguei!”

Ainda tentando me equilibrar em pé balancei o braço com força, me desvencilhando dele.

“Me solta, pegou nada.”

“Tá... é, mas daqui você não sai.”

Ele, seguro de si, andava lentamente em minha direção, já com a guarda baixa, e um sorrisinho de vencedor no rosto. Eu, cada vez mais acuado, dava pequenos passos para trás, apontando minha arma para ele, com as mãos trêmulas, tentando pensar em como fugir dali.

A cada passo me sentia como se estivesse indo para o abatedouro, não via mais saída. A garagem depois das escadas no fim do corredor, que era

minha melhor chance de escapar, estava cada vez mais próxima, mas agora era inútil.

Em meio à tensão que ali pairava, comecei a perceber o quão estúpida era aquela situação. Na minha frente, fazendo piadinhas, e abanando sua arma de água, sem nenhum cuidado, estava meu primo, mais baixo que eu porém visivelmente alterado. Era dele mesmo que eu estava fugindo? Sério?

Abaixei minha arma e falei, ainda com receio:

“Acho que já deu né? Não quer entrar?”

“Ué, tá com medo? Vai desistir só porque você não tá ganhando?” Ele disse, tirando sarro, firmando a mira da arma em mim, e avançando em minha direção ainda mais.

Também levantei minha arma para impedir que ele chegasse muito perto, e fui obrigado a continuar andando para trás.

“Claro que não, só cansei.” Falei, enquanto dava mais alguns passos

“Ai que chato, você não sabe brinc—CUIDADO!”

De repente desequilibrei para trás. Era a escada. Esse tempo todo eu estava tão absorto em tentar fugir, e depois colocar algum bom senso em meu primo quase delirante, que não percebi que tínhamos andado todo o corredor e estávamos praticamente na garagem.

Não vi nada. Senti um frio na barriga, e depois senti minha nuca batendo com toda força no degrau. Rolei para baixo.

Pousei exatamente ao lado do carro e pude ver seu assoalho. A mesma visão que eu teria se minha fuga tivesse dado certo.

Ao longe ouvia meu primo gritando.

“Mãe! Mãe! Ajuda!”

Tudo estava embaçado, não encontrava meus óculos. Lágrimas se misturavam com o suor, mas não sentia muita dor. A adrenalina corria por meu corpo.

Uma mulher de pantufas desceu correndo as escadas. Minha tia. Não consigo prestar atenção no que estavam falando, mas conseguia ouvi-la brigando com seu filho.

Novamente ouvi ele quase em prantos.

“...mas, a gente só tava brincando!”

Ela resmungou algo, e me levantou com cuidado. Me levou pela escada, e para dentro da casa. Meu primo caminhava atrás de nós. Não pude evitar mentalmente rir por um segundo ao imaginá-lo cabisbaixo e chorando, depois de ser tão valentão momentos antes.

Me sentei na mesa da cozinha e ela foi até a gaveta. Sem óculos, tentava acompanhar seus movimentos, mas não sabia ao certo o que ela

estava fazendo. Ela virou-se e veio em minha direção com um objeto prateado nas mãos.

Gelei.

Como isso ajudaria no meu machucado? Quis gritar, correr.

“Vou morrer”, pensei.

“É pra abaixar o galo”, ela disse.

Progressão

Você abre os olhos. Não consegue ver nada. A escuridão é tanta que você a sente pesando sobre o peito. O silêncio alivia a tensão em sua cabeça.

Você começa a chacoalhar, sente que está dentro de algo, mas do que? Você está caindo? Ou sendo transportado? Será que te sequestraram? Para onde estão te levando?

De repente, vozes abafadas.

Você não consegue distinguir o que estão falando, mas se aproximam cada vez mais. Algumas parecem familiares. Uma em especial, embargada... Você a conhece há anos.

Luz.

Você contrai os olhos tentando acostumar-se. O ar fresco bate em seu rosto.

Estranhamente todos os seus amigos estão ali. Eles gritam de surpresa e alegria quando lhe veem. É uma festa surpresa? Você é a surpresa?

Constrangido, você olha ao redor, procurando aquela voz.

Sentada a certa distancia, na beirada da cadeira, e não crendo no que seus olhos veem, uma velinha está com as mão sobre a boca.

Você pula, de onde quer que você estava, e corre para beijá-la. Todos os seus amigos te seguem. Vocês riem e jogam conversa fora até o fim do dia.

Agora você está em casa. Mais um dia comum na sua vida de aposentado. Você e sua esposa cozinham Seu filho veio almoçar, com o marido e as filhas. A família toda na mesa, contando histórias e planejando o futuro. Você conta, pela vigésima vez, sobre a festa em que conhecer sua esposa. Todos riem do seu constrangimento.

O parque. O sol está se pondo e você está jogando bola com um menino. Ele chuta, e a bola rola em direção ao lago. Você corre desesperado para pegá-la e se joga na grama. Ela está molhada, e você escorrega para dentro da água com a bola na mão. Sua esposa ri sentada debaixo da arvore e seu filho fica ali parado com o dedo na boca.

Você perdeu as contas de quantas noites já passou em claro, entre escrever seu trabalho de conclusão de curso, e passar a noite no hospital..

Ou os dois juntos. Seu filho recém nascido está na incubadora, porém os médicos já garantem que ele ficará saudável. Sua esposa dorme profundamente na cama ao seu lado.

Livros e rascunhos estão sobre na pequena mesa à sua frente, e seu punho dói de tanto escrever.

Pelo menos você está terminando.

Festa de boas vindas? Mas... Você nunca foi em qualquer festa... E nunca bebeu. Você é muito introvertido para sair falando com as pessoas. Será que o álcool ajuda? Talvez, vale a pena tentar. Mas, você não tem nem o que vestir. Seus veteranos riem e insistem para que você vá. Depois de, em vão, tentar argumentar, você resolve ir. Veste uma calça branca e um blazer azul escuro.

No caminho te oferecem vodca. Você aceita, mas aceita.

“Vira! Vira! Vira! Vira!”. Logo você está alegre.

Na festa, te apelidam de Marinheiro. Você ri sem entender.

No banheiro, olhando sua roupa no espelho, finalmente entende. Na porta, esbarra em uma garota. Como assim, ela vai entrar no banheiro masculino? A cara dela é suspeita. Você olha a porta. É o banheiro feminino. Você tenta se desculpar mas só se constrange mais. Ela ri.

Você a conheceu.

Você está em casa. Na cama, entre duas pessoas. Está chorando. Acabou de ter um pesadelo. Em meio as lágrimas tenta contar, mas não consegue. Você viu tanta coisa, viveu tanto, riu, estudou, correu, amou... Experimentou coisas que sua mente infantil não pôde conceber, nem explicar. Você se engasga nas palavras. Tudo aquilo, você quer viver mais, quer sentir mais...

Mas tudo o que consegue fazer, é chorar.
Como uma criança.

Vou contar até 5. A cada número, você se sentirá mais acordado. Quando eu disser “cinco”, sua mente retornará ao nosso limite de espaço e tempo, e você despertará.

Pronto?

Um.

Dois. Sentindo-se cada vez mais em paz e relaxado...

Três. Sinta seu corpo. Retorne. Retorne...

Quatro. Quase lá...

Cinco!

Respire fundo. Sinta suas pernas, seus braços, seu peito, seu pescoço, e sua cabeça.

Você está aqui. Abra os olhos.

Vê? Esta é a expressão que eu esperava em seu rosto. Alívio, felicidade. Nada do que aconteceu até

hoje tirará este futuro de você. É seu, e apenas seu.

Essa foi sua vida.

Agora vá, e viva-a.

Negativo

Lis passou a mão na testa. A dor incomodava.

Porque cólica tem que doer tanto?

Ela se encolheu e apoiou a cabeça nos joelhos, sonolenta.

Sentada no vaso sanitário, ouviu uma voz meio gritada vindo da cozinha do pequeno apartamento, misturada com o chiado da frigideira.

“Meu deus, esse cheirão de fritura vai infestar tudo. Pelo menos lá no apartamento de Curitiba a cozinha tem janela decente pro ar circular... Aliás, Lis, de repente vai dar pra aumentar um pouco aquele quartinho vazio do lado da cozinha, pra caber um *baby*. Quebrar a parede não deve ser tão difícil, e né... mesmo se a cozinha diminuir, a janela salva”, ele ri.

“Para de falar, Gui, pelo amor de deus”, pensou Lis, “Eu sei que você quer um filho, eu também quero, mas porque você tem que ficar insistindo e

insistindo nisso toda hora? Tanta coisa que eu podia estar me preocupando, tipo com a mudança, mas não... Só fala disso.”

Levantou-se, lavou as mãos enquanto se olhava no espelho, recompondo-se e mudando de expressão, deu um sorriso para si mesma e saiu do banheiro.

Pegou a bolsa na mesinha do corredor, e foi em direção à cozinha, enquanto falava.

“É, mas não vai sonhando muito alto não, você viu a carta da imobiliária?”

Ela tirou um papel da bolsa e levantou-o para Gui, que do outro lado do balcão, apertou os olhos, mas balançou a cabeça com cara de confuso, sem decifrar nenhuma palavra.

“Eu não vou conseguir devolver o apartamento sem pagar a multa do contrato. Eu não cago dinheiro não”.

“Quanto é a multa?” Gui perguntou

“Cinco mil Guilherme”, ela disse, baixinho, revirando os olhos.

“Como assim? Isso pode?”

“Não faço ideia, pedi o dia de folga hoje pra descobrir” Lis respondeu, guardando o papel e indo em direção a porta.

“Pera, não vai comer? Tem que ficar fortinha pro bebê”, Gui disse em tom de brincadeira.

“Na volta”, ela replicou com um suspiro nervoso, já no corredor, e fechou a porta.

Lis desceu para seu carro.

Conseguiu controlar-se outra vez. Ela não conseguia imaginar a reação de Gui se ela reclamasse da fixação dele por filhos. Imaginava se ele terminaria o namoro. Lis sentia que estava ficando velha. Seu maior medo era ficar sozinha. Se Gui a deixasse, justo agora que estão caminhando para uma vida estável, e juntos, ela nem imaginava o que faria.

No momento sua maior preocupação deveria ser não pagar uma multa absurda apenas porque o universo resolveu que ela iria se mudar para a casa de Gui, meses depois de ter alugado o apartamento. A imobiliária vai entender... Assim esperava ela.

Quase chegando, seu celular toca. Uma simpática secretária diz que os resultados dos exames estão prontos. Lis não se lembra exatamente para que havia feito-os meses atrás, mas disse que passaria lá no fim da tarde.

Estacionou o carro em frente à imobiliária, e entrou pelo grande portão florido. Se aquilo fosse para acalmá-la, não estava funcionando. Lá dentro

foi o mais educada possível, e explicou sua situação. A secretária chamou seu superior, que convidou Lis para sua sala.

Ela contou sobre como tinha alugado seu apartamento há apenas seis meses, e que Gui morava em uma república antes de ter sua casa própria. Foi então que tiveram a ideia de morarem juntos para cortar gastos, porém Gui teria que morar em Curitiba, a trabalho. Lis falou o quão injusto é ela ser obrigada a pagar R\$5000,00 para poder gastar menos e viver feliz.

O gerente respondeu que a multa fazia sim parte do contrato, e que é cobrada caso o inquilino não permaneça no imóvel por um ano.

Lis ficou sem resposta, não havia o que argumentar, o homem tinha razão. Mas ela nunca conseguiria o dinheiro. Talvez devesse desistir. Parecia mais fácil.

Mas... Porque seus planos de vida deveriam ser impedidos por uma mera burocracia? Tinha que haver um jeito. “Pensa, Lis, pensa”, ela repetia em sua mente.

A imagem de Gui falando sobre filhos veio em sua memória. “É isso!”, pensou ela. Bem, teria que inventar um pouco.

“Olha,” disse Lis, “Nós estamos esperando um filho, tem certeza que não tem mesmo como reconsiderar? Eu estava no telefone até agora com minha médica, e o Guilherme já está preparando a casa nova, reformando um quarto para ser do bebê. O apartamento é muito pequeno para todos nós, e não temos todo esse dinheiro para pagar a multa nessa situação.”

O gerente respirou fundo, e olhou demoradamente para Lis. Disse que tentaria o seu melhor, e no fim da tarde deixaria na recepção um envelope com a decisão, pois estaria ocupado o resto do dia.

Ela agradeceu e disse que seu namorado o pegaria, mais tarde. Ligou para Gui, que concordou em passar lá depois do trabalho.

Já era hora do almoço quando Lis saiu. Estranhamente confiante, almoçou num pequeno restaurante no centro. Parecia que as coisas finalmente estavam indo ao seu favor.

Depois de comer, Lis começou a viagem até a clínica, no outro lado da cidade.

Chegou lá perto das cinco da tarde. Enquanto isso, Gui estava saindo do trabalho, indo buscar o envelope na imobiliária.

Entrou na clínica, e deu seu nome para a secretária, que entregou-lhe um grande envelope. Ela agradeceu, pegou um copo de água e voltou para o carro. Estava com pressa para voltar para casa e descobrir se a multa foi cancelada ou não.

Resolveu abrir o envelope para ler os resultados enquanto bebia o resto da água.

O que ela leu deixou-a sem reação. Seu corpo contraiu-se, como se levasse um choque.

Lis ficou pálida e o copo de água caiu no banco. Subitamente um mal estar tomou conta, e suas mãos tremiam.

Largou o envelope no banco do passageiro, incrédula. Não acreditava no que havia lido, embora fizesse sentido. Começou a dirigir de volta para casa, transtornada, e sem saber ao certo para onde estava indo.

Gui telefonou. Ela não atendeu, não conseguiria falar com ele. Ligou outra vez. Ignorou.

Chegou em casa, fechou a porta e sentou na cozinha escura, com o exame na mesa.

Minutos depois, Gui chegou. Ansioso e elétrico, entrou na cozinha.

“Onde você tava Lis? Tentei te ligar. Não deu certo... A multa... Eles recusaram, temos que pagar”

Lis levanta a cabeça e olha para Gui, seus olhos, surpresos e desolados, enchem-se de lágrimas.

“Guilherme...” Ela diz, balançando a cabeça e empurrando os exames para ele, ciente de que nada disso importava mais.

Agora preocupado, Gui sentou-se lentamente no outro lado da mesa.

Lis, angustiada, olha no fundo dos olhos de seu namorado, e segura sua mão.

“Eu sou estéril”.

Repouso

Baseado na fotografia The Most Beautiful Suicide, de Robert Wiles.



Em meio ao caos,
paz afinal.

Como as de uma graciosa bailarina, suas
delicadas mãos bailaram sua última dança.

Nada

Vejo as estrelas,
Peregrinando pelo vazio.
Foi, o início de sua jornada,
a gênese do tempo.
Seu desfecho,
o epílogo da existência.

Vejo o homem.
Nasce,
Cresce,
Ama,
Vive,
Chora,
e morre.
As estrelas, entretanto,
mal se movem.

Roteiro de Curta-Metragem #1

O ASSALTO À IGREJA

Por

Cassiano Zanon

Cena 1 - REPASSE DO PLANO

INT. COZINHA DE APARTAMENTO - NOITE

As luzes estão apagadas.
Estamos na cozinha de uma casa humilde.

Os ladrilhos da parede mofada estão sujos,
desbotados e rachados.

Ainda há migalhas de pão e duas xícaras e
pratos do café da manhã sobre a mesa,
perto de uma, há uma BÍBLIA.

Ouvimos CARLOS (40) conversando com
FERNANDO (40) no corredor. As vozes ficam
mais audíveis.

CARLOS

É nesse andar
aqui. Mas e o que
você tem feito?

FERNANDO

Bom, desde então
eu abri uma
importadora,
quase o que a
gente fazia, só
que legal
hahahah, e ta
indo ótimo até...

A porta do apartamento é destrancada e aberta.

A luz da sala é acesa, e CARLOS, um homem baixo, em seus 40 anos, agitado, semi careca, de camisa parcialmente enfiada na calça e pasta de couro na mão, entra rapidamente pelo corredor. Esta cena tem ritmo rápido.

CARLOS

Entra, entra,
Fernando, vamo
aqui na cozinha.

FERNANDO, ex-sócio de Carlos, também perto dos 40 anos, usando roupa social, visivelmente mais calmo e intrigado com o comportamento de Carlos, segue-o.

Carlos acende a luz, enquanto coloca a pasta na mesa. Começa a tirar a louça.

FERNANDO

A Helena não tá?

Carlos vê a BÍBLIA. Levanta-a para Fernando, que está na porta da cozinha.

CARLOS

Ela ainda insiste
em ir. Senta aí.

Carlos joga a bíblia no balcão e continua colocando louças na pia. Joga as migalhas para o chão.

FERNANDO (sentando-se)

Numa sexta? Cara,
como você
aguentava ir
também?

CARLOS

Aaah religião
fode com tua
cabeça. Daqui a
pouco vão pisar
na bola com ela
também, daí ela
se toca.

Carlos respira fundo e apoia-se na pia.
Vira-se para Fernando.

CARLOS

Mas quero falar
com você antes
dela chegar.

Carlos senta-se na cadeira e se apóia nos joelhos.

CARLOS

Vir morar nessa
casa já foi
triste demais pra

ela, e se a
Helena ficar
sabendo disso vai
ser o fundo do
poço, sabe... Vir
de onde a gente
tava, pra essa
situação...

FERNANDO

É... Depois que
você largou o
trabalho, achei
que não te veria
mais.

CARLOS

É... nem eu, e olha
onde eu vim
parar, maldita
religião. Podia
ser errado, mas
pelo menos com o
dinheiro, eu
conseguia botar
comida nessa
casa... E agora,
olha isso...
Trabalho pra
merda um posto de
gasolina. Cadê o
deus que
"proverá"? Cadê

as "janelas do
céu se abrindo"?

FERNANDO

(impaciente)

Cara, olha. Me
sinto mal por
você, não sabia
que tavam nessa
situação. Mas,
porque você me
chamou assim, do
nada, tanto tempo
depois?

CARLOS

(apoiando-se na mesa)

Então, lembra que
a venda do último
carregamento mal
deu pra cobrir os
cinquenta mil do
empréstimo? Daí
depois disso o
Rafael, aquele
merda, que
cuidava do
dinheiro, sumiu,
e o negócio
começou a
desandar?

Carlos se levanta e pega um maço de envelopes de CARTAS no armário. Joga-os na mesa em frente a Fernando.

CARLOS

To recebendo isso
faz dois meses.

Fernando folheia os envelopes e le uma das cartas.

FERNANDO

Que porra é essa?
Quem que tá
mandando isso?

Carlos encosta-se na pia, impaciente.

CARLOS

O bosta do Rafael
fugiu com o
dinheiro.

FERNANDO

O que??

CARLOS

SIM! Com a porra
de cinquenta mil
que iam pro
Fiador.

FERNANDO (lendo
uma carta)

"Pensaram que ia ser fácil assim? Usar meu dinheiro e nunca mais devolver? Não me faça ir atrás de você."

Na assinatura da carta lemos "Com carinho, o Fiador". Carlos folheia as cartas e acha uma em específico.

CARLOS

E olha essa aqui, recebi hoje de manhã: "Se eu não receber meu dinheiro até Sábado a noite, dia 08, no depósito onde vocês guardavam as merdas das drogas, vou levar o passado de vocês à publico, e vou atrás da família de vocês. Duvidam?"

Fernando olha o calendário na parede.

FERNANDO

Porra, é amanhã.

CARLOS

Sim, e olha isso
aqui.

Carlos tira de trás do papel uma foto. Aparentemente tirada de um carro, mostra Helena chegando no prédio, na calçada. Fernando pega-a, e a segunda foto fica na mão de Carlos. Nela, os filhos de Fernando aparecem no portão da escola. Fernando congela.

FERNANDO

Não, não não não...
Caralho, eles
não.

Fernando põe as mãos na cabeça e em desespero caminha até a janela da cozinha e soca o beiral de madeira.

FERNANDO

(transtor
nado)

Vou matar a porra
do Rafael!

CARLOS

Foda-se o Rafael.
Olha cara... é por
isso te chamei
aqui. A gente tem
que conseguir

esse dinheiro.
Tenho um pouco
aqui, tipo uns
três mil, mas não
dá nem pro
cheiro.

FERNANDO

Eu... sei lá... não
consigo... devo ter
algo também, em
casa... uns sei lá,
cinco mil, não
adianta... puta que
pariu cara, como
que chegou nesse
ponto?

CARLOS

Olha Fernando,
preciso da tua
ajuda agora, você
sabe que sozinho
eu não consigo
fazer nada... A
gente vai
resolver isso,
mas tem que ser
logo, já até sei
onde conseguir o
resto do
dinheiro.

Carlos senta-se e faz sinal para Fernando sentar.

FERNANDO

Fala...

CARLOS

Então, a igreja
fodeu comigo,
então quer saber?
Eu vou foder com
ela. Amanhã de
manhã tem culto.
A gente vai lá, e
depois que
recolherem o
dízimos do
pessoal, lá pelas
10:30, um pastor
vai pra uma
salinha pra
contar o
dinheiro. Você o
distraindo enquanto
eu entro e pego o
dinheiro.

FERNANDO

Pera, eu
distraindo? O que
que eu vou dizer?

CARLOS

Sei lá... Diz que
você quer entrar
pra igreja, e que
sei lá, quer
ficar pobre igual
a mim, foda-se...
Diz qualquer
coisa que faça
ele demorar pra
responder...

FERNANDO

Deus, você quer
roubar dinheiro
de dízimo... Isso
é... Bom, isso não
vai dar quase
nada.

CARLOS

Oooh você não
faz ideia. Tem
mil e duzentas
cabeças naquela
igreja. O dízimo
é 10% do que eles
ganham, e amanhã
é o primeiro
culto depois do
dia 5, todo mundo
vai tá cagando
dinheiro. Se cada
um der pelo menos
80 reais - 10% do

salário mínimo -
a gente vai
conseguir o que...
80 vezes 1200...
éééé...

FERNANDO

Putá merda, 96
mil.

CARLOS

Exato! E a gente
precisa só de o
que? 42 mil? A
gente consegue
fácil. Mesmo que
um monte de gente
não dê dinheiro,
tem rico que dá
mais... muito mais.
Isso aqui é
melhor que
loteria.

FERNANDO

E o que sobrar
ainda fica pra
gente.

CARLOS

Exato! E eu tiro
a Helena da
merda... Então, tá
dentro?

FERNANDO

Acho que sim... É a
melhor saída que
a gente tem
agora... Mas, e a
Helena? Ela ainda
vai na igreja, e
se ela descobrir
que você roubou
de lá?

CARLOS

Ela não sabe nem
das cartas. Não
vou trazer ela
pro meio dessa
merda toda. Ela
não vai nem me
ver entrando na
igreja amanhã.

Fernando levanta-se e se apoia na porta da
cozinha.

FERNANDO (quase rindo,
não acreditando)

Meu, a gente vai
roubar uma
igreja.

Carlos recosta-se, e deixa o corpo
escorregar um pouco na cadeira, olhando
para o teto. Olha para a bíblia no balcão.

CARLOS

É... Deus seja
louvado.

CENA 2 - CONVENCIMENTO

EXT. RUA DA IGREJA - DIA

Um carro para lentamente em frente à
igreja, em fila dupla.

O templo tem dois andares e poucas pessoas
estão do lado de fora, já que o culto está
em andamento. Fernando dirige, Carlos está
no banco do passageiro.

INT. CARRO - DIA

O relógio de Carlos marca 10:18.

Carlos está impaciente.

FERNANDO

Droga, Não tem
onde parar aqui.

CARLOS

É, por isso a
gente tinha que
ter chegado cedo.

Fernando coça a testa.

FERNANDO

Vou dar a volta
na quadra.

Começa a acelerar.

CARLOS

Não, não não
não... Merda...
Para. Não dá
tempo. Vou descer
e achar alguém
pra me ajudar.

FERNANDO

Mas agora?

Carlos sai do carro.

CARLOS

É. Mas vai atrás
de uma vaga, e
volta aqui.
Correndo.

Carlos fecha a porta com força e vira-se
para a igreja, tentando reconhecer alguém
do lado de fora.

Dois recepcionistas o reconhecem, e acenam entusiasmados.

CARLOS (por entre os
lábios)
Porra.

EXT. PÁTIO DA IGREJA - DIA

Carlos sorri e caminha em direção à porta.

RECEPCIONISTA 1
Carlos! Quanto
tempo!

O Recepcionista 1 estende a mão para cumprimentar Carlos, que responde com um aperto e um sorriso amarelo. O Recepcionista 2 põe a mão sobre seu ombro.

RECEPCIONISTA 2
Quem bom te ver
aqui de novo,
graças à Deus!
Como ta a vida?

CARLOS
Tá indo bem.

O Recepcionista 2 abraça Carlos, que tenta não ser rude, mas está com pressa. Gentilmente desfaz o abraço.

RECEPCIONISTA 2

A Helena tá lá em
cima.

Carlos começa a entrar na igreja.

CARLOS

Sim sim, falei
pra ela que eu
tava vindo. Sabem
em que ponto tá o
culto?

Carlos tira do bolso uma nota de vinte
reais.

RECEPCIONISTA 2

Eles estão
recolhendo agora,
corre lá!

CARLOS

Ah, valeu!

INT. ANDAR INFERIOR DA IGREJA - DIA

Carlos sobe rapidamente.

Na escada duas mulheres o cumprimentam com
um grande sorriso.

Ele acena e continua.

INT. HALL DE ENTRADA DA NAVE DA IGREJA -
DIA

Vemos homens de terno passando salvas pelos bancos, para recolher os envelopes com o dízimo. A igreja tem no mínimo 40 fileiras de bancos.

O pastor aguarda no final dos bancos, para juntar todos os envelopes e levá-los para a sala adjacente ao hall de entrada.

Enquanto aguarda, Carlos procura alguém que possa cooperar com seu plano, enquanto tenta localizar Helena.

Ela está quase nos primeiros bancos. Ele não pode deixar que o veja.

Os homens, banco por banco, se aproximam cada vez mais.

Carlos olha pela grande janela de vidro o pátio vazio.
Ele está ficando nervoso. Fernando não chega.

Ele escaneia com os olhos as pessoas em pé no hall. Todos ali são pessoas devotas. Idosos, mães com crianças no colo e livros de histórias bíblicas infantis. Homens com bíblia na mão.

Nenhum deles o ajudaria.

Os homens recolhendo o dízimo estão a 5 bancos de distância do pastor.

Carlos sua. Ele caminha da porta até a janela de vidro, inquieto. Fernando ainda não aparece. Ele vira-se para os bancos.

Três para terminar.

Carlos olha para a janela novamente. Nada.

Volta a olhar as pessoas, desesperado e sem saber o que fazer.

Num canto, encostado na parede, está um garoto de aproximadamente 15 anos.

Ele está rabiscando uma das bíblias. Carlos levanta as sobrancelhas. Aproxima-se do garoto.

CARLOS

Ei garoto! Chega aqui, qual é teu nome?

O menino mal levanta a cabeça para responder. Carlos sorri. Achou quem ele precisava.

GAROTO
(murmurando)

Lucas.

CARLOS

Lucas. Quer
ganhar esses 20
reais?

Lucas levanta a cabeça imediatamente,
olhando para a nota na mão de Carlos.

CARLOS

Você só tem que
fazer uma coisa.

Os homens de terno estão no ultimo banco e
o pastor se prepara para pegar as salvas.

CARLOS

Quando o pastor
entrar naquela
sala ali, você
entra e fala que
tem um homem lá
embaixo falando
mal de Deus.
Consegue fazer
isso?

Lucas balança a cabeça.

CARLOS

Olha no meu olho.
Consegue mesmo?
20 reais...

Lucas balança a cabeça com certa convicção.
Carlos levanta a mão com o dinheiro. Lucas pega.

O pastor já está com as salvas em mãos.
Estão orando.

Carlos vai até a janela. Nada lá embaixo.
Ele desce as escadas.

INT. ANDAR INFERIOR DA IGREJA - DIA

Carlos está transtornado. O pastor verá que não tem ninguém no pátio pela janela.

De repente, Fernando aparece no fim da escada.

Carlos revira os olhos e agarra os ombros de Fernando.

CARLOS
Vai lá no pátio e
começa a xingar a
igreja. Faz
barulho.

FERNANDO

Oi?... Que?

CARLOS

Vai, só vai. Tá
tudo certo já,
VAI LÁ. Se
revolta, fala o
que quiser, só
vai!

Carlos empurra Fernando de leve e volta a
subir as escadas.

FERNANDO

O que que eu
digo??

Carlos vira-se.

CARLOS

Não sei... Diz que
você é Jesus.

Carlos sobe as escadas.

INT. HALL DE ENTRADA DA NAVE DA IGREJA -
DIA

Lucas está entrando na sala do pastor.
Carlos aguarda atrás de algumas pessoas.

Ele vê Fernando no pátio. Ele está com o
dedo no peito de um dos recepcionistas e
falando de cara fechada.

De repente, aponta para o outro
recepcionista, e aponta para si.

O pastor sai da sala preocupado, e chama
um homem de terno, que parece ser seu
assistente. Lucas vem atrás dele.

Rapidamente olham pela janela.
O garoto sorri para Carlos. Que sorri de
volta.

Descem.

Carlos olha para a porta aberta da sala.

CENA 3

ROMANTISMO

INT. COZINHA - NOITE

Somente a luz da cozinha está acesa na
casa escura.

Carlos abre a porta devagar.

Logo percebe a cozinha iluminada e para,
nervoso e aborrecido. Terá que encarar as
consequências.

Ele entra na cozinha e para na porta.

Helena está enxugando e guardando a louça.

Ela olha para Carlos.

HELENA

O Recepcionista
disse que você
foi na igreja
hoje. Porque você
não foi atrás de
mim?

Carlos abre a boca para tentar responder,
mas Helena continua falando.

HELENA

Eu tava me
perguntando isso.
Outra coisa
estranha que
aconteceu hoje
foi o pastor
dando a noticia
que o dinheiro do
dizimo
desapareceu. Não
é estranho?
Simples assim.

Carlos concorda com a cabeça, já ciente do
joguinho de Helena. Ele senta-se na
cadeira. Helena volta a secar louças.

HELENA

E na saída o
recepcionista me
fala de você.
Fiquei a tarde
toda pensando
porque eu não te
vi lá, porque
caramba, você
nunca vai... E de
repente caiu a
ficha. Digo, não
é possível que
você teria algo a
ver com isso né.
Mas não! Na
verdade é bem
possível sim, né?
Digo... as coisas
que você fazia
antes...

Carlos sabe que não há escapatória. Helena parece calma demais, ele não sabe como lidar com essa situação.

Ele se mantém em silêncio. Helena olha para ele.

HELENA

Foi você, não
foi?

Carlos balança a cabeça, olhando o nada, tentando com todas as forças pensar no que falar a seguir.

CARLOS

Eu não queria que
você soubesse.

Helena joga o pano na pia.

CARLOS

Nunca quis que
chegasse a esse
ponto. Fiz isso
por nós, pra
proteger você.

HELENA

Ah pelo amor de
Deus... E me
proteger??

Carlos se levanta e pega o bolo de cartas.

CARLOS

Olha isso aqui.
Carlos abre algumas das cartas e mostra para Helena, que lê contra sua vontade, porém fica nervosa ao ver o conteúdo ameaçador.

HELENA

O que é isso? Tem
a ver com antes?

O que eles querem
com a gente??

CARLOS

Viu? Por isso que
eu não queria que
você soubesse. A
gente já tem
problemas
suficientes. Não
querria te
arrastar pra
dentro de alguma
merda que eu me
meti.

Helena continua folheando as cartas e
encontra as fotos dela e da família de
Fernando na carta do ultimato. Ela
assusta-se.

HELENA

Eles tão
espionando a
gente?? Meu deus!
O que tá
acontecendo??

CARLOS

O Rafael sumiu
com o dinheiro
que ia pra esse
Fiador aí da
carta e agora ele

deu até hoje o
prazo pra pagar.

Helena senta-se, em choque, na cadeira
próxima à BIBLIA, no balcão. Carlos
abaixa-se ao lado dela.

CARLOS

Tudo o que eu
quero é te dar a
felicidade que
nós tínhamos
antes de eu
largar tudo pela
igreja que
prometeu bençãos,
a vida que a
gente tinha, a
qualidade...

HELENA

Mas não passou
pela tua cabeça
que EU não quero
aquela vida? Nada
daquilo era
certo, eu era
infeliz, e agora
que eu encontrei...
algo... uma razão
pra ser feliz e
ficar em paz,
você tenta tirar
isso de mim??

Como você se
atreve?? Você não
acreditar mais
nisso não te dá a
liberdade de
tratar a igreja
como se fosse
nada... Só mais um
lugar que você
pode
simplesmente...
roubar!

Enquanto ela fala, Carlos senta-se.

HELENA

Além do mais,
esse dinheiro que
você roubou, que
inclusive você
acha que é roubo,
não vai pro bolso
de ninguém não.
Isso vai pra
construir escola,
hospital, igreja
em outro país...

Helena se levanta.

HELENA

Não é culpa da
igreja se você só
escolheu coisas
erradas,

trabalhou com
drogas... Acabou
com a vida de
tanta gente...

Carlos não crê no que acabou de ouvir.
Coça a cabeça, transtornado, e levanta-se
devagar, enfurecido.

CARLOS

É isso que você
pensa da vida que
NÓS DOIS levamos?
Da vida que deu
tudo pra nós?

HELENA

Deu tudo a que
custo Carlos??
Olha o que
aconteceu! Duas
familias sendo
ameaçadas por
dinheiro! Pessoas
inocentes,
Carlos, por
dinheiro... Como eu
sei que vou estar
segura a partir
de agora??

CARLOS

Então pede
divorcio!! Tudo

que eu fiz foi
pra te manter
segura. Se tiver
que se divorciar
pra isso, que
seja!

Os olhos de Helena se enchem de lágrimas.

HELENA

Não posso!

Enquanto ela fala, aponta para a BIBLIA no
balcão.

CARLOS

Por causa de
igreja, sério?

Helena abaixa a cabeça e concorda.

Carlos abre os braços, indignado. Vai até
a pia e enche um copo de água. Helena
senta-se.

CARLOS

Isso aí é
felicidade?? Meu
Deus...

Ele sai com o copo, deixando Helena
chorando.

Ela olha a Bíblia.

Roteiro de Curta Metragem #2

Roteiro Final

CONTRONOMY

Por

Cassiano Zanon

EXT. RUA DE SUBÚRBIO ABANDONADA - DIA

A rua está silenciosa e folhas voam com o vento.

O dia está nublado e o chão molhado. Na calçada há um ponto de ônibus.

O anúncio de uma campanha do governo passa nos televisores de seu interior. A história se passa num futuro tecnológico próximo.

"Contronomy: Espalhe esta idéia". Na imagem da campanha, um homem sorridente, que possui um pequeno IMPLANTE branco na testa, encosta-o na testa de uma mulher. Ambos agora com o implante, sorriem. "É fácil e gratuito".

Passos muito rápidos aproximam-se. Um casal passa correndo de mãos dadas em frente à câmera, fugindo. Logo atrás, 4 pessoas os perseguem ferozmente, e derrubam a câmera.

CUT TO:

EXT. VIELA - DIA

O casal, ALEX (25) e ALANA (26), sai da rua e entra em uma viela, um beco, entre duas casas.

Suas roupas estão molhadas e sujas. Ofegantes, secam o suor que escorre em

seus olhos. Correm um ao lado do outro, pulando cercas, sacos de lixo e roupas jogadas.

Atrás deles, os 4 perseguidores. Todos eles possuem o implante na testa.

São pessoas comuns, porém claramente com raiva. Um JOVEM (23) com roupas pretas e um pedaço de cano na mão, que é o LÍDER do grupo; Uma MOÇA (24), com mochila nas costas, e uma corda presa na cintura; Um HOMEM (40), com calça e camisa social; e uma MULHER (30) usando uma bandana sobre o nariz e boca.

ALANA

O lixo!

Alana chama a atenção de Alex para uma grande lata de lixo no caminho.

Os dois a derrubam para atrapalhar os agressores, e o lixo se espalha pelo estreito caminho.

O Líder está correndo na frente. Pula a lata e olha rapidamente para os três que o seguem.

JOVEM

Vamo, vamo, vamo!

Não para!

O homem cai, e o resto do grupo puxa-o para se levantar.

Distanciam-se do Líder.

EXT. RUA CALMA - DIA

Alex e Alana saem da viela e viram na rua.

Na calçada, um painel mostra mais divulgação do Contronomy. "Não carregue mais dinheiro e documentos. Impostos e pagamentos debitados automaticamente. Menos preocupação, e mais segurança. É o governo cuidando de você". Uma simpática foto do Presidente e seus ministros complementa a propaganda.

O Jovem corre atrás do casal, seguido do restante do grupo.

Ele se aproxima cada vez mais de Alex e Alana.

Atravessam a rua, em direção à próxima esquina.

Quando estão prestes a virar, o Líder dá um salto e agarra o braço de Alex, que se desequilibra e cai para trás.

O restante do grupo ainda está do outro lado da rua, porém se aproximam rapidamente.

O Líder se joga em cima de Alex, tentando imobilizá-lo e puxa sua cabeça, tentando encostar sua testa na dele.

LÍDER

Vem cá, seu filho
da puta. Não vê
que você tá
atrasando a vida
de todo mundo?
Você não pensa no
futuro?

Alex luta, segurando com as mãos o pescoço do Líder e empurrando seu rosto para longe.

Alana chuta a cabeça do Líder, que cai para o lado. Ela levanta Alex, e continuam a correr.

O grupo alcança o Líder e o ajudam a se levantar. O casal consegue distanciar-se.

Viram-se para ver o grupo, que já está correndo novamente em sua direção.

ALEX

A gente tem que
confundir eles.

Alana olha para as casas ao redor e vê um caminho entre duas cercas, que leva para os fundos das casas.

ALANA

Ali ó.

Eles correm pelo caminho.
No meio, pulam uma das cercas, e cruzam os fundos da casa, na tentativa de despistar o grupo.

Entram no quintal da próxima casa e se escondem perto da escada que dá acesso à porta dos fundos.

Aguardam alguns momentos, mas nenhum sinal dos agressores.

Alex olha para a casa.
Faz sinal para Alana segui-lo.
Sobem a escada e ele tenta abrir a porta.
Está destrancada.
Ouvem vozes vindas do interior.

É a televisão que está ligada.

INT. COZINHA - DIA

A casa está vazia, porém não abandonada. Tudo está em ordem, porém parece que os moradores saíram recentemente, e com pressa.

ALEX

Fica de olho nas
janelas, talvez
daqui a gente
consiga ver eles.

Alana cuida das janelas da cozinha, enquanto Alex vai até a sala.

Na televisão, o Presidente está sendo entrevistado em um talk-show bem humorado.

A plateia dá gargalhadas enquanto o apresentador fala, e faz perguntas ao presidente, que também ri.

APRESENTADOR

... lá em casa era
sempre assim
também. Mas Sr.
Presidente, você
tem uma
palavrinha final
pra quem está nos
assistindo?

PRESIDENTE

Então gente, eu
queria dizer que
graças a vocês,
cada um de vocês,
no fim do dia,
nosso querido
Contronomy estará
implantado em
100% das pessoas.

A plateia vibra.

PRESIDENTE

Posso contar
nesses dois dedos

quantas pessoas
faltam, então
vamos lá pessoal!
Deixem a vida
deles tão fácil
quanto a de
vocês! Deixem que
eu, e as pessoas
incríveis que
trabalham comigo,
cuidem de tudo
para que vocês
aproveitem a vida
sem estresse
nenhum, afinal, é
pra isso que o
governo está
aqui, servir
vocês.

O Presidente levanta sua caneca, saudando
a plateia, que aplaude.

PRESIDENTE

Alcançar 100% da
população é uma
conquista
revolucionária. O
Contronomy poderá
trabalhar com
todo o seu
potencial,
colhendo dados em
tempo real para

promover
igualdade
econômica e
social, acabar
com a pobreza e
para que todos
trabalhem em
favor do bem
comum!

Alex arranca o cabo da televisão da
parede. Ele caminha pela sala preocupado,
com as mãos na cabeça.

ALEX

Essa merda é o
maior papo
furado.
Olha o que tá
acontecendo com
quem tem
implante, todo
mundo virando
animal, ninguém
mais pensa--

Alana passa por uma das
janelas sem querer.

ALANA

Merda! Eles tão
ali fora... Eles me
viram. Acharam a
gente, corre!

Alex corre até a porta da frente e a arromba.

EXT. RUA - DIA

O casal corre pela rua.

O grupo de perseguidores os segue, aproximando-se cada vez mais.

Alex e Alana viram na próxima rua. Ela é sem saída, ao final, há um matagal repleto de árvores. Correm em sua direção.

EXT. MATAGAL - DIA

Entram no mato e logo seguem para o lado, para despistar o grupo. Porém estão tão perto que não conseguem.

Pulam por troncos caídos, e desviam de raízes no chão.

Atravessam o matagal.
O grupo está logo atrás deles.
Saem na avenida de acesso à cidade.

EXT. AVENIDA DE ACESSO À CIDADE - DIA

Surgem em frente a uma multidão na avenida. Todos marchando e caminhando furiosamente, como um exército bárbaro, em direção à cidade. Todos ali possuem o implante.

O casal para.

A multidão para.

O grupo de perseguidores sai do mato.

Alex e Alana correm pela avenida, tentando fugir da multidão.

O grupo se junta à ela.

Pedras, canos e pedaços de madeira são jogados contra o casal, que tenta desviar.

Se aproximam da cidade.

Alex e Alana se olham, desesperados.

ALANA

Não vou
conseguir! Não dá
mais.

ALEX

Consegue sim!
Vamo, a gente ta
quase--

Um cano, lançado pelo Líder, bate na cabeça de Alex, que cai e rola no chão violentamente.

ALANA

Não!

Alana grita e para, para tentar ajudar Alex. Porém não consegue, a multidão já o alcançou.

Ela fica parada por um segundo, que parece uma eternidade.

Alex é agarrado pelo Líder, que segura sua cabeça com força e encosta sua testa na dele, enquanto solta um grito de vitória.

Alana chora em desespero, caminhando de costas.

Alex abre os olhos. Em sua testa, o implante branco. Seus olhos se arregalam. Ele se levanta.

Olha para Alana.

Aponta para ela, enquanto a ira toma conta de seu corpo.

Alana volta a fugir, já sem forças. Alex, juntamente com a multidão, corre atrás dela.

Ela entra na cidade.

Corre pelas ruas. Ela chora, ofegante, as lágrimas se misturam ao suor. A todo momento ela olha para trás, apenas para ver a multidão se aproximando, e na frente de todos, seu amor, Alex.

Ela corre por entre painéis de propaganda do Contronomy. A multidão destrói tudo por onde passa.

Ela não aguenta mais. Suas pernas tremem. Ela tropeça.

Cai, e mal tem tempo de abrir os olhos. Alex pula em cima dela.

Alana se debate, enquanto Alex vira-a para cima.

A multidão para ao seu redor, gritando e comemorando. A Moça do grupo que os perseguia, ajuda Alex, amarrando as mãos de Alana com a corda.

Alana grita, tentando se desvencilhar. Alex segura sua cabeça para encostar sua testa na dele.

Ela tenta virar o rosto.
É em vão.
Alex a segura com força.

ALEX

Você precisa!
Você precisa,
você precisa,
você precisa,
você precisa.

Alex grita para ela, nervoso, porém com olhos marejados.

Ao fundo, o ponto de ônibus com a propaganda do Contronomy.

O homem sorridente encosta sua testa na da mulher.

Ambos sorriem.

Alex encosta sua testa na de Alana.

O último implante foi aplicado.

Alex e Alana levantam-se. A multidão está ao seu redor.

Todos olham para a câmera, sem expressão nos rostos.

De repente, em cada pessoa, as veias ao redor do implante ficam vermelhas, como se algo tivesse sido injetado na corrente sanguínea.

Instantaneamente, a pele ao redor de suas bocas começa a mexer-se.

Os lábios contraem-se, e desaparecem.

Fragmentos de cartilagem crescem ao redor da boca e começam a selá-las.

Alex e Alana desesperam-se, enquanto suas bocas desaparecem por completo.

